

As práticas musicais coletivas são uma manifestação humana primordial ligada a um rol de práticas sociais: ritualidade, comunicação, política, religião, lazer. Podemos concebê-las atravessando diferentes épocas, estilos e culturas, em manifestações as mais variadas: grupos vocais, instrumentais e mistos, populares e eruditos, improvisados e ensaiados, combinados com outras artes e narrativas. Considerando sua natureza coletiva, a música de câmara foi proposta neste dossiê como um conceito amplo e nesta perspectiva pôde adquirir uma abrangência que se estende para além da música europeia dos séculos XVIII e XIX.

Os artigos selecionados refletem essa diversidade de usos e funções da música pela coletividade, atravessando épocas, gêneros e contextos distintos. Sobressaem aspectos relacionais tais como a negociação de valores estéticos, o dialogismo, a representação da ordem social e seus processos de resistência, enfrentamentos e trocas simbólicas.

Nos quatro primeiros artigos do dossiê encontramos abordagens que trazem para primeiro plano gêneros musicais característicos do Brasil, tais como o choro, o samba e a modinha, assim como suas interações e aproximações com manifestações musicais contemporâneas, como o Rap e a canção na MPB. Abrindo esta lista, Renan Bertho apresenta uma análise etnográfica de uma roda de choro no bar *Almanach*, na cidade de São Paulo, realizada entre 2013 e 2014. O artigo dá destaque às negociações musicais entre os executantes e às adaptações do repertório ao momento e ao contexto em que a roda ocorre. Luciana Fernandes Rosa também propõe uma etnografia de uma roda de choro, realizada em julho de 2016 no Instituto Casa da Cidade, na Vila Madalena, também em São Paulo. A partir da observação participante e de entrevistas com frequentadores do evento, a autora destaca a “participação de músicos amadores e profissionais em um ambiente democrático e acolhedor”. Passando da música instrumental para a vocal, Francimária Ribeiro Gomes faz uma análise das trajetórias de mulheres negras ligadas ao samba de roda e ao rap em Cachoeira, no Recôncavo baiano, “estudo etnográfico de caráter qualitativo, que tem como foco um estudo empírico baseado no diálogo da autora com as interlocutoras.” Pedro Vaccari traça um amplo arco histórico da modinha, desde seu surgimento até o século XX, numa aproximação com a MPB e o gênero canção.

O segundo bloco de artigos do dossiê apresenta textos em que predomina o enfoque pedagógico. Tamires Rampinelli e Clayton Daunis Vetromilla, em “Iniciação ao Violão por meio de Práticas Musicais Coletivas: aspectos para a produção de arranjos didáticos”, fazem um levantamento de aspectos pertinentes à elaboração de arranjos visando o contexto de aulas coletivas de instrumento, buscando contemplar diferentes níveis de competência instrumental e priorizando o interesse, a expressividade e a consistência estilística das peças. Luciane Cuervo, em “Educação musical e

novas tecnologias digitais: recursos e estratégias no contexto do canto e da flauta doce” discute a presença da cultura digital na sala de aula, procurando ampliar as concepções do fazer musical coletivo e problematizando a formação tradicional do músico e do educador perante o repertório de novas tecnologias digitais hoje disponíveis. Fechando o dossiê, Sonia Ray examina a formalização e a prática curricular da disciplina Música de Câmara, identificando aspectos essenciais à formação do músico camerista e apontando inconsistências no modo como esta disciplina é geralmente concebida e ministrada nas IES brasileiras.

Passando à seção Artigos, o texto de Rodolfo Coelho de Souza “A modelagem digital do timbre da viola caipira como fundamento para a composição de Bestiário III” detalha o processo de síntese sonora de sons semelhantes aos da viola caipira para aplicação na composição da obra Bestiário III para violão e sons eletrônicos. Finalizando este número, o artigo “As vozes da letra na fonosfera grega: um estudo sobre os cantares da Antiguidade”, de Tiago de Abreu, coloca como ponto de partida a seguinte pergunta: “Haveria características intrínsecas da língua grega que amoldariam as possibilidades melódicas?” Em busca de respostas, o autor explora as relações entre canto e palavra no contexto ritualístico da vocalidade grega.

Desejamos a todos uma ótima leitura e convidamos autores a submeter seus textos à ORFEU.

Guilherme Sauerbronn de Barros
Teresa Mateiro
Editores